

Traje mortuário: permanências e dissidências da vestimenta da morte na cultura popular brasileira

Mortuary dress: permanences and dissidences of death dress in Brazilian popular culture

Traje mortuorio: permanencias y disidencias de la muerte en la cultura popular brasileña

Gadiego Cieser de Araújo¹
Rita Morais de Andrade²

Recebido em: 18/7/2019
Aceito para publicação em: 10/10/2019

¹ Acadêmico do bacharelado em Design de Moda – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás.

² Professora associada da Universidade Federal de Goiás, atuando no bacharelado em Design de Moda e no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais.

Resumo: Os trajes mortuários podem ser considerados parte do conjunto material e intangível do patrimônio cultural. Estão ligados às mentalidades sociais e podem ser entendidos como ritos de passagem tão importantes quanto os que celebram a vida. Este artigo discute como tal fenômeno tem se manifestado no tempo e destaca alguns sentidos que a cultura popular brasileira atribui a essa prática no passado oitocentista e no presente.

Palavras-chave: trajes mortuários; cultura popular; morte.

Abstract: Mortuary dress form the material and imaterial cultures of cultural heritage. They are linked to social mentalities and may be understood as rites of passage as important as those of daily life. This paper discusses how this phenomenon has manifested itself in time and what meanings popular culture attributes to this practice.

Keywords: mortuary costumes; popular culture; death.

Resumen: Los trajes mortuorios pueden ser considerados como parte del conjunto material y intangible del patrimonio cultural. Están vinculados a las mentalidades sociales y pueden ser entendidos como ritos de paso tan importantes como los que celebran la vida. Este artículo analiza como ese fenómeno se ha manifestado en el tiempo y destaca algunos significados que la cultura popular brasileña atribuye a esa práctica en el siglo XIX y el presente.

Palabras clave: trajes mortuorios; cultura popular; la muerte.

[...]
 Todos o viam e passavam todos.
 Contudo era bem morto desde a aurora.
 Ninguém lançou-lhe junto ao corpo imóvel
 Um ceitil para a cova!... nem sudário!

[...]
 (Álvares de Azevedo. “Um cadáver de poeta”, 1853)

INTRODUÇÃO

Vestir-se é uma das práticas sociais que, juntamente com o alimentar-se, constitui uma atividade humana tão fundamental quanto diversificada em suas tradições culturais. Nem mesmo a morte escapa à vestimenta. No poema “Um cadáver de poeta”, de Álvares de Azevedo (1988), publicado originalmente em 1853, a ausência do sudário, da veste da morte, é ressaltada como um aspecto de importante negligência social. O desprezo pelo homem era tanto que nem sequer lhe deram o sudário. Morrer sem o traje apropriado teve, como ainda tem, seus sentidos sociais.

Em relação ao patrimônio cultural dos povos, é importante considerarmos a vestimenta em sua dimensão material e intangível, já que sua produção, consumo e circulação estão na própria tessitura social. Uma das características do sistema da moda, tal como nos apresentam alguns cientistas sociais (LIPOVETSKY, 1987; CALANCA, 2011; ROCHE, 2007), é seu papel de fazer circular toda uma vida social, em sua complexa interação entre pessoas e objetos. Não apenas o sistema da moda, compreendido como uma estrutura ou mesmo um fenômeno ocidental moderno (LIPOVETSKY, 1987), mas toda a produção de vestuário

estarão inseridos em práticas socioculturais e modelos político-econômicos específicos. Isso significa que o vestuário terá sempre características ético-estéticas, técnicas e tecnológicas referentes às circunstâncias nas quais foi concebido, mas também nas quais foi circulado (ANDRADE, 2016). Para estudar o vestuário, portanto, será necessário investigar tais circunstâncias sempre que nossa perspectiva for a de considerar as roupas e os modos de vesti-las como uma condição ou uma prática social.

Neste artigo, apresentamos um estudo sobre uma tipologia específica de vestuário: aquele que veste os mortos. Também chamado de traje *post mortem*, é ainda utilizado, levando-nos a uma interpretação sobre como essa tradição reverberou no Brasil a partir do século XIX e como foi franqueada pela cultura popular brasileira até os dias atuais.

O TRAJE MORTUÁRIO

A morte é um fenômeno de significados importantes para a dimensão humana, uma condição cujo sentido é socialmente construído, pois assim como as sociedades ressignificam os seus costumes cotidianos o culto aos mortos acompanha essas manifestações.

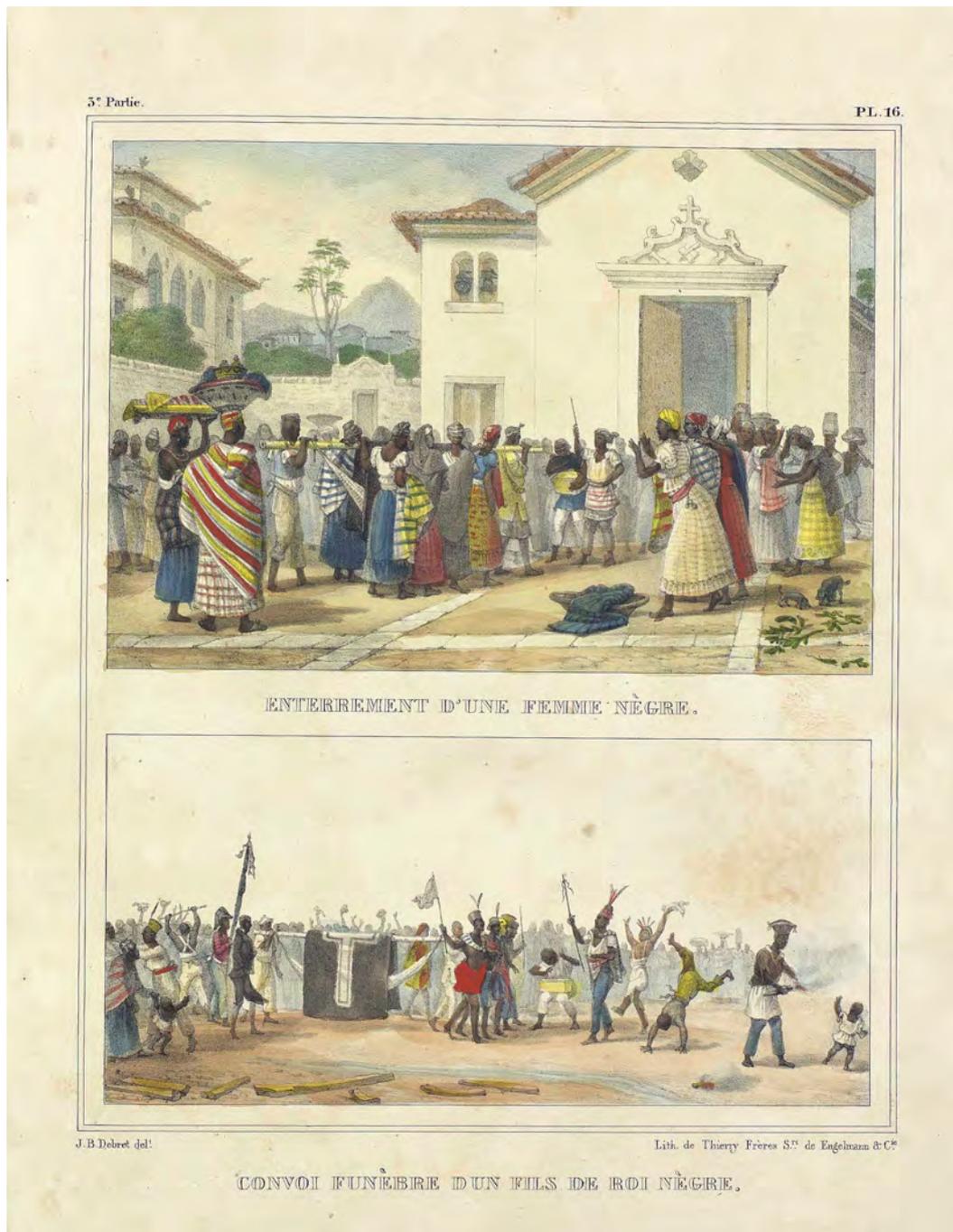
O trabalho de Ariès (2003) com a história das mentalidades apresenta as mudanças das atitudes diante da morte e do morrer no Ocidente. Dessa abordagem é possível compreender as etapas rituais mortuárias do século XIX como um período marcado pelo teor dramático dado até mesmo aos trajes com que se inicia o luto, antes mesmo de vestir o cadáver. Nesse contexto, as vestimentas podem ser divididas em cerimoniais (ligadas ao luto ou dos vivos) e de *post mortem* (ligadas ao morto e a sua condição de crença).

No contexto do luto, os estudos de Schmitt (2009, 2017) apontam para o caráter performático dos trajes, que os vivos entendem como requisito protocolar de respeito e adequação ao momento da dor. Além de serem marcos distintivos de *status* social, os trajes de luto foram mais rigorosos para as mulheres, que também externalizaram a sobriedade da ocasião por um código de comportamentos sociais próprios e pela construção da imagem com paramentos que deviam estar consoantes com a roupa propriamente dita. Essas eram influências europeias de estética vitoriana que estiveram presentes no contexto fúnebre brasileiro do século XIX.

A construção do imaginário popular em torno da trajetória pós-morte naquele período conferiu à roupa do morto atributos visuais para exprimir a importância do seu uso. O caráter público e de longa duração das cerimônias exigia uma preocupação com detalhes tal qual fosse para um evento em vida, como podemos ver nos comboios fúnebres de litogravuras da primeira metade do século XIX³ (figuras 1 e 2) e mesmo na produção de fotografia *post mortem*, como se observa na figura 3.

³ A Biblioteca Nacional possui um acervo digital com exemplares litográficos de Thierry Frères em colaboração de Jean-Baptiste Debret. Sugerimos a consulta ao acervo, como o exemplo da litogravura: FRÈRES, Thierry. **Convoi funèbre de négrillons**. Paris: Firmin Didot Frères, 1839. 1 grav., litografia, col., 32,6 x 24 cm em f. 52,6 x 34,6. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=18177. Acesso em: 10 out. 2019.

Figura 1 – Litogravuras do século XIX apresentam comboios fúnebres como eventos públicos, como nesta, do filho de rei negro (na imagem inferior) e de uma mulher negra (na imagem superior), conforme títulos das pranchas



Fonte: Frères (1839b). Reprodução de imagem disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional

Figura 2 – Litogravuras do século XIX apresentam comboios fúnebres como eventos públicos, como nesta, de um membro da Confraria Nossa Senhora da Conceição, conforme título da prancha inferior da imagem reproduzida



Fonte: Frères (1839c). Reprodução de imagem disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional

Figura 3 – No século XIX era comum a produção da fotografia mortuária, e a vestimenta assume protagonismo estético



Fonte: Museu Paulista (1879b). Acervo digital

No Brasil oitocentista, quando se trata do traje mortuário católico especificamente, as heranças do barroco representam um conjunto destacável de significados. A escolha desse tipo de roupa é um assunto que Reis (1991) aborda com base na ideia de que a morte é dos ritos domésticos comparáveis à festa. O autor argumenta que existiam determinadas pessoas a executar essa tarefa, fossem elas parentes ou especificamente descritas em testamento. As mortalhas deviam ser feitas de acordo com as vestes do santo de devoção, comumente branca, e também havia a preferência pela mortalha de São Francisco, na cor marrom. A tradição de vestir-se como santo é uma referência ibérica trazida ao Brasil pelos jesuítas.

O caráter simbólico de vestir-se para garantir uma boa travessia da morte transcendia a função da roupa como mero coadjuvante em tal passagem. As vestes nem sempre eram universais, sendo designada por vezes uma distinção ou denominação por gênero:

A escolha dessas mortalhas dependia do gênero do morto. Via de regra, os homens se vestiam de santos e as mulheres de santas. Por exemplo, usar mortalha preta e crucifixo como santa Rita, a padroeira dos que muito sofrem, era próprio das mulheres. Mas havia as mortalhas como a franciscana que vestiam todos, talvez em função da importância do santo no imaginário da morte baiana. O mesmo se dava com as mortalhas de Nossa Senhora do Carmo e São Domingos, o que se explica pela participação de pessoas de ambos os sexos nas respectivas ordens terceiras (REIS, 1991, p. 120).

As crianças também participavam da tradição. Vestes eram distinguidas por gênero, sendo as mais utilizadas a de Nossa Senhora da Conceição para as meninas e a de São João para os meninos. Para o contexto da santa, os significados são comparáveis a ritos de fertilidade, e para o caso do santo, o atributo a considerar é a vinculação à heroica popularidade de virilidade, namorador, protetor dos relacionamentos em geral. A importância atribuída a São João na liturgia cristã deve-se ao fato de ter permanecido ao lado de Nossa Senhora por ocasião da morte de Cristo.

Figura 4 – Mortalha infantil. Os adereços de cabeça, como coroa de flores e véu, e a túnica delicadamente adornada buscam construir com muita semelhança a imagem de “miniaturas de santos”



Fonte: Museu Paulista (1879a). Acervo digital

Mortalhas vermelhas e coloridas também eram usadas. As primeiras estavam ligadas à ideia de fertilidade e da vida em contraponto com a morte, e as segundas estavam relacionadas à inocência infantil e à certeza de bom lugar aos céus. Esses costumes revelam uma relação importante entre os vivos e os mortos ou entre as concepções de vida e de morte: o temor dos vivos de não poderem mais se reproduzir (fato que faz da mortalha uma comunicação de apelo por novos filhos) e a maior flexibilidade vestuária para infantes, dispensando as formalidades encontradas nos trajes dos adultos, pois a brevidade do contato com a vida terrena era associada à crença de que as crianças estariam diretamente aceitas nos céus ou na vida pós-morte. A funcionalidade dessas vestes expressa um recurso de adesão ao outro mundo. É uma alusão à inserção no reino celestial por intermédio dos santos de devoção como facilitadores do paraíso. A pesquisa de Vailati (2010) aprofunda-se

na particularidade das vestes mortuárias infantis e apresenta de forma inédita a estatística desses usos.

Viana (2015) pesquisou o uso de roupa fúnebre no Brasil entre 1890 e 1930, especificamente em São Paulo e Minas Gerais. Seu estudo contempla o costume de roupas fúnebres infantis analisadas sob o prisma das mortalhas e das fotografias mortuárias e dos arranjos lúdicos para a construção da imagem e seus aspectos sociais. O pesquisador também debate as roupas fúnebres contemporâneas por meio dos relatos coletados em funerárias do interior paulista e mineiro. Sobre essa seção, apresenta importantes contribuições, como a indiferença que os centros urbanos dão ao sentido simbólico das mortalhas, seguida de uma crise da religiosidade e das crenças como um marco de diminuição do contato com o divino. Sugere também como novas perspectivas de estudo os trajes mortuários de membros de Estado e de militares. Nesse sentido, há um aspecto da nossa pesquisa que vale ser ressaltado. Na busca por fotografias fúnebres, localizamos nos acervos digitais de instituições públicas e privadas exemplos que reforçam a possibilidade de estudos aprofundados especificamente para tradições militares e políticas. Destaca-se a seguir a fotografia fúnebre de D. Pedro II (figura 5) em traje militar completo.

Figura 5 – Fotografia fúnebre de D. Pedro II, vestido com o uniforme de marechal do Exército Imperial Brasileiro e as condecorações do Brasil, da França e de Portugal. Essas honrarias conferem ao traje mortuário um caráter biográfico



Fonte: Biblioteca Nacional (1891)

A morte estabelece certas marcas temporais de continuidade e descontinuidade, como percebeu Veras (2015) ao estudar o morrer na atualidade. Para a autora, as práticas modernas e contemporâneas ampliaram o consumo, a expansão e a interferência do mercado nas questões funerárias, também em relação aos trajes mortuários. Nesse sentido, é imprescindível a reflexão histórica para compreender como isso se materializa nas vestimentas, reconfigurando a materialidade e a imaterialidade das práticas sociais relativas às roupas *post mortem*. Veras (2015) destaca ainda a marca da efemeridade, do espetáculo, da valorização da novidade e personalização dos ritos funerários na atualidade em relação ao passado.

Tais elementos foram incorporados no vestuário mortuário e convocam a uma nova mentalidade marcada pela decisão do vivo. Com novos elementos padronizados, os trajes mortuários devem aparentar a funcionalidade vestimentar, pois agora o corpo morto, enquanto apreciação dos enlutados, deve aparentar vida.

O TRAJE MORTUÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE E SUAS FLUTUAÇÕES

Os espaços urbanizados do culto fúnebre e a crescente mercantilização e terceirização dos serviços funerários influenciaram o contexto em questão. A roupa já não é um desses elementos pensados com antecedência, e seus significados na relação com o morto resumem-se a cobrir o corpo com alguma peça que teria sido de preferência em vida. Essa desvalorização da veste fúnebre está ligada à própria rejeição ao tema da morte como assunto “interdito” (ARIÈS, 2003).

É necessário observar, no entanto, que tais aspectos não foram determinantes para uma alteração estética importante, exatamente porque não atingiram de forma homogênea sobretudo os contextos em que o sistema de mudanças da moda chega tardiamente.

Nesse sentido, em sua pesquisa sobre os costumes mortuários em Limoeiro do Norte (Ceará) na década de 1920, Lima (2013) identifica a roupa mortuária como um recurso de segurança na passagem espiritual:

[...] vestir o morto de acordo com o santo de sua devoção em vida era uma garantia de proteção e boa morte. No imaginário católico as mortalhas dos santos ajudavam o morto no dia da sua passagem para o mundo celestial e o ajudavam no dia do julgamento, no dia do juízo final.

Observa-se que a veste cumpria o papel indispensável do destino final da alma que anseia a salvação. Vestir a mortalha era requisito fundamental no conjunto de elementos salvacionistas que está em prosseguimento no além-túmulo.

Ainda no espaço cearense, a pesquisa *Retratos da morte: práticas de eternizar memórias sobre o ente querido em Russas - CE* (RIBEIRO, 2012), ao tratar dos costumes vestuários, apresenta em fotografia que o uso de mortalhas está datado da segunda metade do século XIX até cerca dos anos 1970.

Tais manifestações das práticas mortuárias populares remontam ao panorama do imaginário católico oitocentista que se mantém nas cidades interioranas do nordeste brasileiro ainda hoje. A manutenção desses ritos confronta uma questão importante no contexto dos estudos de vestimentas quando vistas pela linearidade temporal, os quais são muito comuns na historiografia da moda.

Quando analisada pela ideia de uma divisão estética fragmentada por décadas, a moda, mesmo apresentando os contextos sociais (geralmente europeus ou estadunidenses), assinala as transformações sofridas pelo vestuário como rupturas. Esse sistema opera no âmbito de mercado comercial, seja pela alta costura, seja pelas marcas *prêt-à-porter*. Com dinamicidade, o sistema universalizante da moda acompanha o ritmo crescente da globalização.

Já para o contexto da cultura popular, o vestuário vinculado à dimensão da crença e das tradições (neste caso dos ritos fúnebres) apresenta maior resistência às flutuações do

sistema de moda convencional. Os espaços mais próximos da vida rural entendem a morte ainda como um acontecimento em que o moribundo é protagonista de suas vontades e que, ao morrer, estas serão obedecidas⁴.

A simultaneidade de práticas diferentes em um mesmo contexto temporal é exposta em relação ao comportamento por Vovelle (p. 135, 2004):

[...] sublinha-se a espantosa persistência dos ritos, toda uma rede de gestos enraizados, reproduzidos mesmo quando não são mais compreendidos, gestos supersticiosos ou mágicos, tais como se encontram na morte rural. Ao invés da imobilidade deste domínio, falarei dos deslizamentos progressivos e das estratificações que fazem com que, em um mesmo momento, variando segundo os meios e os lugares, coexistem atitudes tradicionais e atitudes novas. Experimentamos todos, em nossas próprias atitudes em face da morte, um conjunto de representações e de comportamentos que remetem a estratificações diferentes.

Para a compreensão da prática de vestir, especialmente vestir os mortos, não seria correto dizer que, no contexto da cultura popular, esta esteja isolada das mudanças que a cercam. As flutuações da moda contemporânea em contexto fúnebre não correspondem apenas a uma cultura das elites, mas sim a um largo espectro de práticas culturais vigentes ainda hoje. Ao observar a simultaneidade das diferentes práticas nos ritos e trajes mortuários, não podemos desprezar que há “culturas” operando em um mesmo curso de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O costume de vestir os mortos não se inscreve na rigidez temporal em que comumente se dividem as flutuações da moda contemporânea pelo ponto de vista das marcas globais. Mais do que um elemento material, a cultura popular entende a veste mortuária como um elemento simbólico importante de patrimônio subjetivo de crenças que não se rompem abruptamente em função de mudanças estéticas projetadas por um mercado universalizante de vestir.

Mesmo a efemeridade, dita como uma das características dos tempos atuais, não pode ser tomada como um conceito universal. É imprescindível considerar que as manifestações populares do comportamento de vestir o corpo morto ainda resguardam os significados do imaginário cristão. Assim, a crise da religiosidade, pontuada como uma das causas da inexistência de tais práticas em centros urbanos, não atingiu de forma decisiva os espaços que ainda guardam heranças rituais oitocentistas. Esses lugares, ainda que de forma pulverizada, sinalizam que a guarda das tradições resiste com maior protagonismo do que a adesão ao sistema vigente da moda. A roupa mortuária é um desses elementos mediadores da cultura material e imaterial que compõem nosso patrimônio cultural de formas tão diversas quanto são as vidas e as mortes.

⁴ Esse protagonismo do moribundo é estudado por Ariès (2003) como parte das atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais. A participação da família nos procedimentos mortuários marca uma mentalidade de transição do século XVIII para o XIX. No contexto brasileiro era comum, no século XIX, que essas vontades estivessem registradas em testamento, inclusive a escolha das mortalhas, conforme apresentou Reis (1991) sobre os ritos soteropolitanos da época.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita Morais de. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. **Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia**, p. 10-31, 2016.

ANDRADE, Rita Morais de; PAULA, Teresa C. T. de. Estudar e pesquisar roupas e tecidos no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, 2., Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás (GO), jun. 2009. Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2009.GT3a_Rita_Andrade_e_Tereza_Cristina.pdf. Acesso em: 15 jul. 2019.

ARIËS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AZEVEDO, Álvares de. **Poemas malditos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000024.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Pedro II, Imperador do Brasil**: retrato. Reprodução de fotografia, 1891. Acervo digital. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2951>. Acesso em: 12 jul. 2019.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2011.

FRÈRES, Thierry. **Convoi funèbre de négrillons**. Paris: Firmin Didot Frères, 1839a. 1 grav., litografia, col., 32,6 x 24 cm em f. 52,6 x 34,6. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=18177. Acesso em: 10 out. 2019.

FRÈRES, Thierry. **Convoi funèbre d'un fils de roi nègre**. Paris: Firmin Didot Frères, 1839b. 1 grav., litografia, col., 29,2 x 23,2 cm em f. 52,6 x 34,6. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=18179. Acesso em: 12 out. 2019.

FRÈRES, Thierry. **Convoi funèbre d'un membre de la Confrérie de Ne. De. de la Conception**. Paris: Firmin Didot Frères, 1839c. 1 grav., litografia, col., 20 x 28,5 cm em f. 52,6 x 34,6. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=18199. Acesso em: 12 out. 2019.

LIMA, Rafaela Moreira de. A conveniência da morte: os rituais fúnebres e o consumo mortuário em Limoeiro do Norte - CE. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. **Anais** [...]. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911292_ARQUIVO_Artigo_ANPUH_Rafaela.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MUSEU PAULISTA. Universidade de São Paulo. **Espaço doméstico – Iconografia**. Reprodução de fotografia, 1879a. Acervo digital. Disponível em: http://www.acervo.mp.usp.br/Storage/EspaçoDomestico/MPACERVO_ICONO//1-16544-0149-2814-01_880x0.jpg. Acesso em: 12 jul. 2019.

MUSEU PAULISTA. Universidade de São Paulo. **Iconografia**. Reprodução de fotografia, 1879b. Acervo digital. Disponível em: <http://www.acervo.mp.usp.br/IconografiaV2.aspx#>. Acesso em: 13 jul. 2019.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Ana C. A. Retratos da morte: práticas de eternizar memórias sobre o ente querido em Russas - CE. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 6., 2012. **Anais** [...]. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Ana%20Claudia%20Anibal%20Ribeiro.pdf>. Acesso em 30 jun. 2019.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 2007.

SCHMITT, Juliana. A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX. **Dobras**, v. 3, n. 5, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/312>. Acesso em: 12 maio 2019.

SCHMITT, Juliana. Vestuário e comportamento de luto no Brasil oitocentista. In: COLÓQUIO DE MODA, 13., 2017. **Anais** [...]. Bauru: Unesp, 2017. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_04/gt_4_VESTUARIO_E_COMPORTEAMENTO_DE_LUTO.pdf. Acesso em: 12 maio 2019.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina**: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VERAS, Lana. **Aqui se jaz, aqui se paga**: a mercantilização da morte, do morrer e do luto. Curitiba: Appris, 2015.

VIANA, Fausto. A roupa fúnebre ou Não chore que é para não molhar as asas do anjo. **Revista Nava**, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistanava/files/2015/11/06-DOSSIE-03.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.